

## DAS ANTIGAS ARTES: A ARTE DE CONSOLAR

Cleonice Furtado de Mendonça van RAIJ  
Professora no Centro de Linguagem e  
Comunicação da PUC-Campinas

### RESUMO

*Das "Antigas Artes", a Consolação ocupa expressivo espaço na literatura greco-romana. Trata-se de um gênero literário cultivado por todas as grandes escolas filosóficas, que deram grande prioridade a um exagerado intelectualismo, em prejuízo do sentimento. Embora estivessem submetidas quase que a um mesmo plano, existem diferenças notáveis entre as Consolações, chegando alguns de seus autores a promover uma renovação do gênero. Na História desse gênero literário, aos filósofos sucederam os retores e sofistas. Aos poucos a Consolação perde todo seu prestígio e força, o que a levou a desaparecer como gênero literário e a preencher um novo espaço no mundo que se abre com o advento do Cristianismo.*

**Palavras-Chave:** Arte. Consolação. Gênero Literário.

### ABSTRACT

*From "Ancient Arts", Consolation has occupied an expressive space in Greek-Roman literature. It is a literary genre present in all the main philosophical schools, which gave priority to an exaggerated intellectuality at the expense of feeling. Even though Consolations were almost at one level, there are remarkable differences between them, and some writers have*

*proposed a renewal of the genre. In the history of this literary genre, the philosophers were followed by the rhetors and the sophists. Consolation gradually loses its prestige and power and, as a consequence, it disappears as a literary genre and it takes another place open with Cristianism.*

**Key-words:** *Art. Consolation. Literary Genre.*

A partir do momento em que os homens expressaram seus sentimentos na tentativa de acalmar a dor dos infelizes, a *arte do consolar* desenvolveu-se até ocupar espaço como “gênero literário”: a *Consolação*. A primeira manifestação formal dessa arte, de origem grega, deu-se pela poesia, que, em todos os tempos, foi a intérprete mais fiel dos sentimentos da alma. Os poetas foram, pois, os primeiros consoladores da humanidade.

Em Homero, vemos Heitor que procura consolar Andrômaca, valendo-se do argumento da triste fatalidade das coisas, contra a qual é inútil lutar (1949, VI:440-493); Aquiles, que fez o possível para amenizar a dor do infeliz Príamo (1949, XXIV:518-551); Nausícaa, que conforta Ulisses, dizendo-lhe distribuir Zeus, por vontade própria, os bens e os males, e que é necessário, então, sofrer e calar (1947, VI:187-197).

De conteúdo altamente consolatório é a elegia de Ovídio sobre a morte de Tibulo. Uma autêntica *Consolação* é, ainda, a dirigida a Lívvia, pela morte de seu filho Druso: *Consolatio ad Liviam*, que, de autor desconhecido, é atribuída, segundo alguns estudiosos, a Ovídio.

Pertencem, também, ao gênero consolatório os *epicédios* e algumas lamentações de Píndaro, Simónides e Baquilides, que contêm não só louvores aos mortos, mas também razões consolatórias para os sobreviventes.

Foi na Filosofia, entretanto, que a *Consolação* encontrou campo mais propício ao seu desenvolvimento, graças à influência que ela exercia sobre a vida dos gregos. A Filosofia buscava entender não só o mundo, mas também o homem, levado a meditar sobre a vida e suas limitações, a refletir sobre sua condição, a fim de que os reveses não o apanhassem desprevenido.

Os consoladores levaram seu ofício tão a sério que, para o bom êxito das *Consolações*, tornaram-se necessários os dotes literários e, principalmente, o tato ao cuidar dos problemas morais e psicológicos.

Como teriam iniciado os filósofos essa atividade tão *sui generis*?

Os gregos selecionaram, reservaram e classificaram todas as razões possíveis que podiam ser oferecidas a qualquer espécie de sofrimento.

Das antigas artes: a arte de consolar

Serviam-se daquilo que se poderia chamar “escala graduada de Consolações”, elaborada por eles próprios e aplicada conforme a ocasião e o mal a ser combatido. Compuseram, ainda, alguns tratados particulares sobre diferentes atribuições. Acrescente-se a isso a segurança com que falavam e agiam. Dizia Cícero, citado por Martha (1896:141): “A filosofia tem para cada aflição os remédios próprios que eu vos mostrarei quando quiserdes”.

Entre os filósofos, diferentes foram as maneiras de abordar a Consolação. Uns trataram do assunto sob ângulo bastante teórico, fazendo obras de caráter geral. Outros, estes em maior número, se interessaram por casos particulares, compondo pequenos tratados, muitas vezes sob forma de carta, trazendo o desenvolvimento de um tema de caráter ético, com o objetivo de convencer o leitor.

Ao longo dos tempos, os consoladores se multiplicaram, fazendo do ato de consolar verdadeira profissão. Passou a ser hábito, pelo menos nas famílias mais cultas e abastadas, a presença de um diretor de consciência, que, em ocasiões oportunas, se tornava também consolador. Merece citação o exemplo de Areu, filósofo de Augusto. Sabemos, por Sêneca, que foi a ele que Lívia, esposa do imperador, recorreu, quando da morte de seu filho Druso, a fim de obter alívio para sua dor.

*Ad Marciam, IV, 2:*

*Illa in primo feruore, cum maxime impatientes ferocesque sunt miseriae, consolandam se Areo, philosopho uiri sui, praebuit, et multum eam rem profuisse sibi confessa est...*

(“Ela (Márícia), no primeiro ímpeto da dor, quando as adversidades são muito mais violentas e cruéis, fez-se consolar por Areu, filósofo de seu marido, e confessou que aquilo lhe foi de muito proveito...”).

Médicos da alma, os consoladores se julgavam indispensáveis, mostrando-se sempre prontos a socorrer os desfavorecidos da sorte, mesmo sem serem solicitados. Havia entre eles verdadeira competição com relação àquele que encontraria a razão mais forte. Chegavam mesmo a se especializar em assuntos tais como a inquietação, a depressão, o luto, a angústia, o desespero, etc., apresentando para cada mal um remédio apropriado. Foi no final da República e, sobretudo, num dado momento do Império (43 a.C - ±68d.C) que houve maior incremento da arte consolatória. Os consoladores eram úteis tanto nas desgraças públicas quanto nas particulares. Acreditavam que os males mais comuns que afligiam o homem eram a doença, a velhice, a pobreza, o exílio e, o maior deles, a

morte. Procuravam combatê-los tendo, para cada um, argumentos prontos, prévia e cuidadosamente preparados.

A *arte de consolar*, conforme colocação de Favez (1937:11), era uma ciência completa. Uma espécie de farmácia moral disposta na perfeição. Havia remédios apropriados para todos os males.

Gregos e romanos sempre foram obcecados pela idéia de que o homem é um ser transitório, destinado à morte. Talvez tenha sido esta o mais universal dos temas, se levarmos em consideração que constituía elemento de grande importância para as discussões filosóficas da época. Plutarco e Sêneca são considerados os dois médicos de alma que melhor souberam preparar essas “beberagens morais”.

O gênero literário Consolação foi cultivado por todas as grandes escolas filosóficas, insistindo o filósofo em permanecer fiel aos princípios de sua escola. O que se observa, no entanto, é que em linhas gerais, todas as Consolações se parecem. Marcada por um certo ecletismo, pode-se verificar que a arte consolatória, quando necessário, tomou empréstimos a várias correntes filosóficas.

Todas se caracterizam por um exagerado intelectualismo, em prejuízo do sentimento. Estavam submetidas quase que a um mesmo plano, geralmente assim concebido: *introdução*, na qual o autor anunciava o mal que tencionava tratar e os remédios que desejava aplicar; a *Consolação* propriamente dita, dividida em duas partes : a *primeira* tratava da pessoa aflita; a *segunda* voltava-se para as causas da aflição. Seguia, enfim, a *conclusão*.

Embora existissem divergências, aos poucos foi surgindo entre os autores de Consolações uma espécie de convenção que estipulava algumas medidas a serem seguidas. Uma questão preliminar, a que os consoladores antigos atribuíram certa importância, era aquela de saberem qual o momento mais oportuno para se dirigirem ao aflito. Entendiam alguns ser preciso aguardar uma ocasião favorável e, apesar da fé que depositavam em sua sabedoria, declaravam ineficaz a Consolação, se ela não fosse oportuna. Era costume deixar passar a primeira tempestade da dor. Assim, Sêneca esperou, silencioso, três anos sem nada fazer sobre a obstinada dor de Márcia, que perdera seu filho Metílio.

*Ad Marciam*, I, 7:

*Tertius iam praeteriit annus, cum interim nihil ex primo illo impetu cecidit...*

(Três anos já se passaram e, entretanto, nada daquela primeira violência abrandou-se...)”

Das antigas artes: a arte de consolar

Outros, ao contrário, eram a favor de que o mal fosse atacado de imediato. Se alguém se visse impedido de realizar seu intento, sentia-se obrigado a desculpar-se pelo atraso ou, ao menos, justificá-lo. Outras medidas convencionais eram as que exigiam que os preceitos viessem antes dos exemplos e que as Consolações fossem calcadas em fatos históricos.

*Ad Marciam*, II, 1:

*Scio a praeceptis incipere omnes qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere (...) quosdam ratio ducit; quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non reliquant animum.*

(“Sei que todos aqueles que desejam exortar alguém começam com preceitos e terminam com exemplos (...) a alguns a razão conduz; a outros devem-se apresentar nomes ilustres e uma autoridade que não deixe livre o espírito.”)

Dados os fatos, seríamos levados a pensar que tenha faltado aos consoladores originalidade e que os mesmos se tenham submetido a uma imitação servil, sendo cada Consolação uma cópia fiel daquelas que a precederam. Isso, entretanto, não aconteceu. Apesar de os consoladores se terem submetido à influência do tradicional, existem diferenças notáveis entre as Consolações, chegando alguns de seus autores a promover uma renovação do gênero. Assim, Sêneca, exilado, aponta a Hélvia a natureza estranha de seu caso: consolar a própria mãe da infelicidade que atingia a ele mesmo.

*Ad Helviam*, I, 2:

*Praeterea, cum omnia clarissimorum ingeniorum monumenta ad compescendos moderandosque luctus composita euoluerem, non inueniebam exemplum eius qui consolatus suos esset cum ipse ab illis comploraretur.*

(“Além disso, embora investigasse todas as obras dos gênios mais ilustres, elaboradas para conter e aliviar as dores, não encontrava exemplos de alguém que tivesse consolado os seus, quando ele mesmo era por eles lastimado.”)

Os princípios filosóficos não atingiam a todos uniformemente. Era uma questão de sensibilidade. Sêneca assim se expressou:

*Ad Marciam*, II, 1:

*Aliter enim cum alio agendum est.*

(“É necessário, pois, agir de modo diverso, segundo as diferentes pessoas.”)

Havia, pois, nuances a serem observadas, o que fazia com que cada Consolação apresentasse algo de particular.

As Consolações de Sêneca, por exemplo, diferem das de Cícero. Este, mesmo tratando de filosofia, usava o método da argumentação e demonstração, próprio de um grande orador. Sêneca trabalhou segundo um esquema dramático, firme, com finalidade específica de penetrar o ânimo, o espírito alheio. Não estava preocupado em apresentar demonstrações sistemáticas.

A fé no poder e na virtude da Filosofia deu origem a uma ciência moral bastante rica, à qual encontramos filiados ilustres nomes. De maneira geral, todos os sábios que se preocuparam com o homem não negligenciaram suas paixões, angústias e desordens da alma, mas lutaram para evitar os exageros que de tais sentimentos pudessem decorrer, propondo encontrar argumentos capazes de atenuá-los. A Filosofia sabia, pois, como agir, escolhendo seus momentos, sendo cautelosa e ajustando seus ensinamentos à dor que pretendia curar.

Dos filósofos, o primeiro que tratou do gênero consolatório parece ter sido Demócrito, que escreveu vários livros sobre a “tranqüilidade de espírito”.

Das Consolações que chegaram até nós, sem dúvida, a mais antiga é, segundo Buresch (1886:9), *Axiócho* ou *Sobre a morte*. Em forma de diálogo, sua originalidade está no fato de consolar não uma pessoa em luto, mas alguém que se aflige diante da perspectiva da própria morte.

Tanto estóicos quanto epicuristas não negligenciaram o gênero Consolação. Entre os primeiros, podemos citar Crisipo (*Sobre as paixões*), Panécio (*Sobre o luto*) e Posidônio (*Sobre a dor*). Entre os epicuristas, destaca-se o próprio Epicuro, que endereçou a um amigo uma carta consolatória: *Sobre a morte de Hegesianax*.

Dentre os filósofos gregos, aquele que mais contribuiu para fazer da Consolação um gênero de relevo foi o acadêmico Crantor (330 – 280 / 70 a.C.), registra Fraile (1965:579). Em livro intitulado *Sobre o luto* e dirigido a Ipoclo, que perdera o filho, ofereceu à dor paterna tudo o que a Filosofia, depois de séculos, acumulara a respeito da vida e da morte. Esse tratado mereceu na Antigüidade extraordinária reputação, mantida até o fim do Império. A obra de Crantor resumia tudo o que a sabedoria grega havia produzido de mais salutar, apresentando uma cultura filosófica oriunda de fontes diversas e tornando-se ponto de apoio para aqueles que tencionavam abrandar suas dores. Infelizmente tal escrito não chegou até nós, mas, por meio de poucos fragmentos conservados e dos elogios acordes que os antigos lhe tributaram (Negro, 1945:XI), fica patente ter sido de grande importância em sua época e ter exercido influência sobre outros escritores de Consolações.

Das antigas artes: a arte de consolar

Na história desse gênero literário, aos filósofos sucederam os retores e sofistas, que emprestaram um ritmo bem diferente à estrutura da arte consolatória. Enaltecendo o sofrimento de maneira ímpar, tornavam-no mais suportável e, celebrando o defunto numa linguagem que parecia imortalizá-lo, ofereceram à dor uma doce satisfação e uma certa esperança.

Exercendo grande fascínio sobre os antigos, a Retórica ocupou significativo espaço ao lado da Filosofia. Não eram poucos os que, angustiados e desorientados pela dor, se entregavam às palavras harmoniosas e adocicadas, deixando o espírito enlevar-se por elas. Pode-se, por exemplo, imaginar a alegria e o orgulho que tomaram conta de Márcia ao receber a carta de Sêneca, na qual viu retratados, numa bela linguagem, o heroísmo de seu pai e as grandes virtudes do filho que ela chorava. Da mesma maneira, quando Hélvia recebeu do filho exilado a bela carta, com a qual procurava consolá-la por sua ausência, ela, por certo, foi tocada mais pelo talento que pelas razões expostas; foi em seu orgulho maternal, certamente, que encontrou o melhor consolo.

Entre os latinos, Sêneca é o mais fecundo escritor de Consolações, se considerarmos não só os textos conhecidos sob esse nome, mas também os vários tratados de alto teor consolatório: *Sobre a brevidade da vida*, *Sobre a tranquilidade do espírito*, *Sobre os remédios dos acontecimentos fortuitos* e as cartas enviadas a Lucílio, as quais, em grande parte, pertencem a esse gênero, como as: LXIII, LXXX, XCIII e CVII. No entanto, as genuínas Consolações, ou seja, aquelas que mais respondem às exigências da tradição consolatória, são três: *Ad Marciam* ( A Márcia), *Ad Helviam* ( A Hélvia) e *Ad Polybium* (A Políbio).

Impressionando a muitos pelo pensamento moral de suas cartas e tratados, Sêneca leva o homem a ignorar ou minimizar as coisas mais básicas que estão em seu coração e, mesmo diante de um aparente sacrifício da individualidade, a alcançar a nobreza.

As Consolações senequianas revelam grande coragem e uma atitude esperançosa do filósofo diante da vida. São ricas de fatos históricos, de exemplos, de pormenores que auxiliam na “reconstrução” da acidentada vida que levou; de reflexões filosóficas e políticas; de nobres pensamentos sobre os valores da vida; sobre a instabilidade das coisas humanas; sobre o dever de se considerar com serenidade a idéia da morte: presença inevitável em nossa vida, uma benção, um benefício ao ser humano, libertação de todas as dores.

Algumas passagens das Consolações:

*Ad Marciam*, X, 7:

Quod opus est partes deflere? Tota flebilis uita est.

(“De que vale chorar sobre detalhes? Toda a vida é digna de ser chorada”.)

*Ad Marciam*, XII, 4:

*Circumfer per omnem notorum ignotorum frequentiam oculos, occurrent tibi passi ubique maiora.*

(“Gira os olhos por toda a multidão dos conhecidos e desconhecidos, por toda parte encontrarás aqueles que sofreram desgraças maiores do que as tuas.”)

*Ad Marciam*, XXI, 2:

*Uno modo multum est quod uiuimus: si satis est.*

(“Uma só maneira existe de vivermos muito: se vivermos intensamente.”)

*Ad Marciam*, XXI, 7:

*In hoc omnes errore uersamur, ut non putemus ad mortem nisi senes inclinatosque iam uergere, cum illo infantia statim et iuuenta, et omnis aetas ferat. Agunt opus suum fata; nobis sensum nostrae necis auferunt, quoque facilius obrepat mors sub ipso uitae nomine latet: infantiam in se pueritia conuertit, pueritiam pubertas, iuuenem senex abstulit. Incrementa ipsa, si bene computes, damna sunt.*

(“Todos caímos neste erro de julgar que somente os velhos e os debilitados se inclinam para a morte, uma vez que já a infância, a juventude e todas as idades para lá nos conduzem. Cumprem os fados sua tarefa: tiram-nos a consciência de nossa morte e para que mais facilmente possa surpreender-nos, esconde-se a morte sob o próprio nome da vida: a puerícia absorve em si a infância, a adolescência absorve a puerícia, o velho leva embora o jovem. Os próprios progressos, se bem pensares, são prejuízos.”)

*Ad Marciam*, XXII, 1:

*Labant humana ac fluunt, neque ulla pars uitae nostrae tam obnoxia aut tenera est quam quae maxime placet.*

(“Vacilam e passam as coisas humanas e nenhuma parte de nossa vida é tão frágil ou perecível quanto aquela que mais nos agrada.”)

*Ad Helviam*, XI, 5:

*Animus est, qui diuites, facit. Hic in exilia sequitur.*

(“É a alma que nos torna ricos. Esta nos segue no exílio.”)

*Ad Helviam*, XIII, 6:

*Nemo ab alio contemnitur nisi a se ante contemptus est. Humilis et proiectus animus sit isti contumeliae opportunus; qui uero aduersus*

Das antigas artes: a arte de consolar

*saeuissimos casus se extollit et ea mala, quibus alii opprimuntur, euerit, ipsas misérias infularum loco habet, quando ita affecti sumus, ut nihil aequè magnam apud nos admirationem occupet quam homo fortiter miser.*

“Ninguém é desprezado por outrem, se antes não foi desprezado por si mesmo. Que esse tipo de ultraje seja próprio de um espírito baixo e vil; aquele que, porém, se levanta contra os mais cruéis golpes da sorte, e domina as desgraças pelas quais outros são abatidos, tem como auréolas as próprias desventuras, pois somos de tal forma constituídos que nada desperta tanto nossa admiração quanto um homem forte na desventura.”)

*Ad Helviam, XVI, 1:*

*... nam te infinito dolore, cum aliquem ex carissimis amiseris, affici stulta indulgentia est, et nullo inhumana duritia: optimum inter pietatem et rationem temperamentum est et sentire desiderium et opprimere.*

“... pois abater-se com uma dor infinita, quando se perde uma pessoa muito querida, é um estúpido gosto, e não abater-se em absoluto é uma dureza desumana: a melhor medida entre o sentimento e a razão é experimentar a dor e dominá-la.”)

*Ad Polybium, IV, 2:*

*Lacrimae nobis deerunt antequam, causae dolendi.*

“Faltar-nos-ão lágrimas antes que razões de chorar.”)

*Ad Polybium, VI, 2:*

*Liberiora sunt omnia iis quorum affectus tegi possunt.*

“Mais livres são as ações daqueles cujos afetos podem ser ocultados.”)

*Ad Polybium, VI, 4:*

*Magna seruitus est magna fortuna.*

“Uma grande sorte é uma grande servidão”.)

Dos pagãos o hábito chegou aos cristãos. O primeiro, obedecendo à cronologia, é Cipriano, no século III, seguido mais tarde pelos gregos: Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e João Crisóstomo, e pelos latinos: Ambrósio, Jerônimo e Paulino de Nola, no século IV.

Estudos feitos por Favez (1937) tentam mostrar que Ambrósio, Jerônimo e Paulino de Nola se inspiraram não só na Bíblia, mas também nos seus

predecessores pagãos, que ainda exerciam fascínio muito grande, graças à força da filosofia de que estavam impregnados.

Enquanto o pensamento dos consoladores pagãos colocava em relevo a filosofia greco-romana, os consoladores cristãos calcaram suas razões no Evangelho, inspirando-se na pessoa do Crucificado. Daí podermos inferir que as Consolações cristãs apresentam uma estrutura externa e um estilo nos moldes pagãos, mas um conteúdo eminentemente cristológico. As diferenças existentes entre os textos pagãos e cristãos se devem ao fato de que foram escritos com base em divergentes pontos de vista e destinados a homens diferentes.

No século V, encontramos Boécio, o último filósofo romano, bastante conhecido por sua *Sobre a Consolação da Filosofia*, escrita em forma de diálogo, em que se alternam verso e prosa. Mesmo sendo considerado escritor cristão, Boécio não faz alusões expressas à Sagrada Escritura em sua Consolação e apresenta uma argumentação basicamente platônica. Ao lado de Santo Agostinho, é a autoridade decisiva da alta Idade Média. Bem mais tarde, no século XVII, temos a Consolação de Malherbe, endereçada a Monsieur du Pérrier, por ocasião da morte da filha e considerada como um dos primeiros textos do Classicismo francês.

O mérito supremo da arte consolatória foi o de preparar as pessoas para melhor receberem os males futuros, utilizando-se retoricamente da Filosofia, ao propor à dor física e moral o remédio por excelência: a paciência, se não o único recurso, pelo menos um refúgio indispensável. Todas as demais razões apresentadas pela Filosofia não conseguiram superar esse argumento que serviu de suporte básico. Tratava-se, pois, de uma arte preventiva. A advertência para um possível sofrimento foi muito salutar para os antigos, que, embriagados pelos prazeres, corriam o risco de serem sempre abatidos pela infelicidade, por não a considerarem como parte integrante da vida. Como à religião não competia a formação moral, aos sábios cabia fazer tais advertências, levando o homem a meditar sobre a vida e suas limitações, a refletir sobre sua condição nesta vida. Alguns, conforme a doutrina a que estavam sujeitos, pregavam a submissão às leis do destino ou à vontade divina. Outros chegaram a considerar a infelicidade como uma prova de virtude, como um privilégio ofertado ao homem pela Providência, para o exercitar, o purificar, o elevar à perfeição. É assim que Sêneca dirá, na *Epistula 94*:

*Non pareo Deo, sed assentior*

(“Não obedeço a Deus, mas concordo com ele.”)

A Filosofia teve, pois, o condão de revestir a paciência de uma grande serenidade e dar ao sofredor as seduções da glória, ao fazer surgirem razões dignas de admiração, credibilidade, aceitação e respeito.

Das antigas artes: a arte de consolar

Aos poucos a Consolação perdeu todo seu prestígio e força. A dor se mostrou desafiante, quando os argumentos utilizados para bani-la ou abrandá-la foram como que industrializados de acordo com os principais males a serem combatidos: doença, velhice, exílio, pobreza, morte, etc. A antiga medicina moral já não conseguia mais curar, uma vez que suas verdades, enfraquecidas, não atingiam as pessoas. Assim, sob o Império, Plínio, o jovem (*Martha*, 1896:188), em meio ao sofrimento, pediu a ajuda de um amigo, declarando que não lhe satisfiziam essas reflexões comuns que corriam o mundo. Precisava de razões não encontradas num livro:

“Nova aliqua sed magna.”

(“Dai-me altos pensamentos, pensamentos novos.”)

O estiolamento da Consolação como gênero constitui, no fundo, um signo de desagregação do mundo antigo, de suas estruturas políticas, econômicas, sociais.

A Consolação, como gênero, não desapareceu. “Evoluiu”, vindo a receber significações novas e preenchendo, talvez, um novo espaço no mundo que se abre com o advento do Cristianismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURESCH, C. *Consolationum. A Graecis Romanisque scriptarum historia critica*. Lipsiae: Hirschfeldi, 1886.
- FAVEZ, Ch. *La consolation latine chrétienne*. Paris: J. Urin, 1937.
- FRAILE, G. *História de la filosofia*. Madrid: La Editorial Catolica, 1965, V.I.
- HOMÉRE. *L'Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Letres, 1949.
- HOMÉRE. *L'Odyssée*. Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Letres, 1947.
- HOMERO. *L Odisséia*. Commentada da Angelo Taccone, Torino: Societa Editrice Internazionale, s/d.
- MARTHA, C. *Les moralistes sous l'Empire Romain, philosophes et poètes*. Paris: Hachette, 1896.
- NEGRO, I. *Ad Marciam de Consolatione*. Napoli: Toumaso Pirondi, 1945.
- RAIJ, Cleonice F. de M. van. *As Consolações de Sêneca*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 1986.
- SÊNÈQUE. *Dialogues. Consolations*. Texte établi et traduit par René Waltz, Paris: es Belles Lettres 1950, t. III.